

OSWALDO DOURADO

Contos Admiráveis

Três Lagoas – Mato Grosso do Sul

2020

Este livro é uma produção independente.

Autor: Oswaldo Dourado

Todos os direitos reservados.

Capa: Ben-Hur Dourado

Diagramação: Oswaldo Dourado

Revisão: Sparr & Donato – Preparações e Revisões Textuais.

Roberta Álvaro Carneiro – RAC Capacitação Profissional.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer forma, sem a autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações ou breves resenhas.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados ao autor. É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a prévia autorização da editora. Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

**... In memoriam, à minha tataravó, a baiana
Rosa Dourado, mulher que possuía
o dom mágico de curar pessoas...**

Sumário

Prólogo	5
A hipócrita	7
Segue o luto.....	10
Sinais para a vida toda	13
No divã do ônibus	16
Os vampiros da Rua Conde de Carapebus	27
O cuspe — expressões regionais.....	35
O lado poético da vida	38
Furacão Latrina.....	41
Conto Árabe: a pedra do julgamento	48
Pau que nasce torto.....	57
Estranha nostalgia	62
Assim caminha a humanidade.....	67
O cu da agulha	69
Sobre o autor	73

Prólogo

Escrevi, ao longo dos anos, alguns contos e poesias, uns considereei interessantes, outros nem tanto. Alguns textos, agora relendo, considereei que deveria estender a história um pouco mais, já outros, talvez deveria ter encurtado um pouco. Considero essa brincadeira de releitura do texto, enquanto está no processo de edição, um prazer imensurável, gosto de criar personagens pelo simples prazer de escrever.

Não tinha pretensão de publicá-los, isso surgiu há pouco, há uns meses. Minha maior alegria era ver meus textos lidos e comentados pelos estudantes da escola em que trabalho, Escola Estadual José Ferreira, Três Lagoas–MS. Quando escrevia um conto ou uma poesia, apresentava para as professoras de Língua Portuguesa para apreciarem: Sidnea Alonso, Márcia Moura, Iara Neves, Kelly Cristina, professora regente Adriana Lofego e a alfabetizadora Eliane do Nascimento. Elas gostavam e acabavam levando para as salas de aula para desenvolverem análises textuais com seus alunos. A essas honradas guerreiras, minha gratidão.

Como os estudantes gostavam dos contos, ficava motivado pelos comentários que faziam, e sempre aumentava as produções literárias. Dessa empolgação surgiu este pequeno livro de contos. Os contos têm uma característica que gosto muito: são curtos, com

poucos personagens e o leitor iniciante não fica preso muito tempo na história.

Dois contos apresentados foram reconhecidos em concursos literários: “Estranha Nostalgia”, 3.º lugar no Concurso de Contos Ulysses Serra da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, e “O cu da agulha”, 5.º lugar no IV Concurso Literário Bom Viver, pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Em “Estranha Nostalgia”, tentei mergulhar nas profundas águas literárias de Clarice Lispector, mas não pude ir muito longe, o que consegui resgatar, apresento timidamente no texto reflexivo entre os limites da fantasia e a realidade. O outro conto, com o título aparentemente grosseiro “O cu da agulha”, em nada perde seu valor literário, presenteando o leitor a uma compreensão dos valores familiares esquecidos ou rejeitados.

Oswaldo Dourado

A hipócrita

Conheço uma mulher, uma mulher séria, puritana. Costuma discursar sobre o céu e o inferno, fala bem, sempre com a certeza de convencer alguém, principalmente os filhos. Eles eram proibidos de cantar ou dançar as músicas que ela considerava “do mundo, do diabo”. Contrariada, se irrita, clama o juízo final. É recatada, ensina às malcasadas o caminho da retidão. Fala de Deus, da morte, do fim do mundo. Pensa ser uma autoridade celestial, acredita ser porta-voz de Cristo, gosta disso. Seu marido a ouve e a teme, mas depois repensa, sente muito pesar e irrita-se consigo mesmo, aborrece-se. Mas o coitado não consegue argumentar. Vencido, se mostra convencido, finge, se esconde, para não a contrariar. Mulher como essa não há, arrasta para si mesma a função de mãe, esposa, sacerdotisa e juíza.

Um dia desses, por acaso, a surpreendi numa festa de formatura em um clube em outra cidade, bem distante de onde morávamos. Sentada à mesa com o esposo, se lambuzava de deliciosos petiscos, acompanhados de refrigerantes. Absorvia a festa, sorria tranquilamente. O barulho da música, que ela detestava, não a incomodava. Comia descontraída, sem notar que a observava de longe. Algo aconteceu depois da meia-noite. Parecia estar com dor de cabeça, depositou várias gotas de remédio num copo d’água, bebeu num só gole. Pensei: “Já está condenando

a festa”.

Começou o baile, os gogo boys, seminus, dançavam sensualizando. Fumaça, pirotecnia e faíscas saíam do palco e se espalhavam pelo salão. Pensei na tragédia na boate Kiss, de Santa Maria-RS, que matou mais de duzentas pessoas. Olhei as sinalizações da saída de emergência para a minha segurança. Olhei novamente para a minha vizinha, notei que alguém passou por ela e colocou em seu pescoço uma fantasia de cabaré, um tipo de xale vermelho, de penas. Ela se levantou, passou as mãos nos ombros do marido, não disse nada, apenas sorriu e, para a minha surpresa, se dirigiu ao centro do baile. Lá se transformou.

Fiquei admirando de minha mesa, ela rodopiava, pulava, batia palmas ao som das músicas, daquelas que ela chamava de “músicas do diabo”. Não se importava em ser acariciada pelos gogo boys, que se exibiam de sunga branca. Fiquei pasmo, boquiaberto; dançou, rebolou com as mãos na cintura, freneticamente, numa mistura de funk e samba!

O marido aborrecido, não suportou beber só refrigerante, pediu cerveja, vodca, champanhe, conhaque... Enquanto enrolava seu espesso bigode, me avistou, pois a maioria das pessoas havia se dirigido para a frente do palco e ficamos cara a cara. Fitou os olhos em mim e verificando a minha surpresa, enrugou a testa. Continuou bebendo com mais velocidade. Depois de muito tempo, o esposo embriagado a chamou, cochichando em seus ouvidos. Ela passou

por mim e abaixou a cabeça. Olhei para o relógio, eram três e dez da madrugada.

Dois dias depois, um caminhão de mudança parou em frente à casa da minha vizinha. Nunca mais vi aquele povo “santo”.

Segue o luto

Tudo parece muito igual com chuva e lama, como em todos os começos de ano, mas não é. Apesar de a cesta sob a mesa estar cheia de pinhas, a irmã caçula procura mais no pé, cutuca as frutas com uma vara de bambu e olha entre as folhas para se surpreender com uma madura escondida, uma tentativa emergencial para tentar sorrir. Mamãe continua sentada em sua cadeira de área, com a mão direita girando de um lado a outro o seu anel de casamento, já envelhecido há setenta anos, como se estivesse com um terço, rezando pensativa. O que será que ela pensa? A nora ao seu lado está absorvida em seu celular pelas postagens do Facebook, mas não ri como ontem. No quarto de ferramentas, o filho mais velho amola facas no esmeril, para disfarçar seu pesar. O barulho invade o ambiente escurecido pela fuga do sol, ninguém se incomoda.

O dia está sombrio, as chuvas deram uma breve pausa, mas o céu continua carregado de nuvens cinzas. O ano iniciou triste pela morte de uma moça que ia ao trabalho, um caminhão sem piedade passou por cima dela, como se não houvesse motorista. Era noiva, imagino os planos de vida que fazia enquanto seguia a passos rápidos para o trabalho. Triste fim.

O céu confirma o luto na cidade, ninguém quer ver o sol, mesmo que entre uma nuvem e outra tente invadir sorrateiramente o ambiente com a sua luz, mas ninguém o quer notar, queremos